

TRABALHO DOCENTE: CONSTRUINDO RESILIÊNCIA

Taís Basílio
FMP/FASE
taissantana15@hotmail.com

Maria Regina Bortolini
FMP/FASE
reginabortolini@fmpfase.edu.br

1

RESUMO

As transformações ocorridas recentemente no mundo do trabalho, fruto da reestruturação produtiva e flexibilização dos processos e das relações de produção, tem levado a uma precarização das condições de trabalho, que afeta material e subjetivamente os trabalhadores, gerando significativos agravos a sua saúde mental. Os transtornos mentais são hoje a 3ª causa de afastamento do trabalho no Brasil. Dentre os profissionais mais afetados estão os professores. Submetidos a múltiplos fatores estressores, que os levam a exaustão, estresse, depressão e muitas vezes a síndrome de burnout e/ou abandono da profissão. Pessoas com mais alto nível de capital psicológico estão mais preparadas para enfrentar situações adversas no trabalho, sendo capazes de mobilizar recursos cognitivos e emocionais no enfrentamento corajoso e otimista das adversidades, tomando-as como oportunidades para o seu autoconhecimento e aprendizagem, sendo resilientes. A dinâmica dos processos de significação do trabalho pode ter efeito positivo sobre o capital psicológico e vice-versa, gerando um ciclo positivo que ressignifica as experiências, os sentidos e o valor do trabalho. Dessa forma, o objetivo desse estudo é compreender os sentidos e valores do trabalho que contribuem para a resiliência docente. Para tal tomou-se o referencial teórico-metodológico das Representações Sociais, buscando identificar a representação social de trabalho construída por professores de escola pública de Petrópolis/RJ/Brasil, que apesar de suas precárias condições de trabalho vem gerando resultados diferenciados dentro da rede estadual de ensino. Foram feitas entrevistas em profundidade com 05 professores. A análise do conteúdo das entrevistas segundo Bardin permitiu chegar a quatro núcleos de sentido: missão, escola, sustento e realização. Não obstante os professores sintam que seu trabalho é “desvalorizado”, para os entrevistados, o trabalho mais que um “sustento”, um “meio de ganhar a vida” que “se faz na escola”, a partir de determinados conhecimentos, práticas e relações; é uma forma de “realização”, de “se sentir produtivo” e, especialmente, “uma missão”, uma verdadeira “entrega para o outro”, um modo de atuar na construção de um mundo melhor. Parece que tomar o trabalho como uma missão estimula os professores a ter uma atitude de confiança frente aos desafios e as mudanças, buscando superar as dificuldades estruturais e mostrando-se otimistas, proativos e resilientes.

PALAVRAS-CHAVE: síndrome de *burnout*, trabalho docente, resiliência docente.

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea vem passando por profundas mudanças. Como forma de amenizar os efeitos da crise estrutural do capital que teve início no começo dos anos 70, a partir de meados da década de 1980 se inicia um processo de mudança nos paradigmas organizacionais, até então baseados no modelo de produção taylorista/fordista. Abre-se espaço para o controle cibernético dos processos produtivos com a implantação de tecnologias da informação, com ênfase na automação, onde se destaca a propagação do modelo japonês com o uso de técnicas do Toyotismo em diversas empresas no mundo inteiro. O novo paradigma da “empresa enxuta” se caracteriza por empresas que investem em alta tecnologia e um número cada vez menor de trabalhadores. Nesse novo paradigma, “mais importante do que o dinheiro é o conhecimento, como usá-lo e aplicá-lo de maneira rentável. É a vez do conhecimento, do capital humano e do capital intelectual”. (Chiavenato, 2010, p.38). Percebe-se que para uma empresa se manter competitiva é essencial a presença de trabalhadores “qualificados”, pois são eles que inovam e disseminam o conhecimento dentro da organização. “Os recursos humanos trazem o brilho da criatividade para a empresa. (...) sem pessoas eficazes, é simplesmente impossível para qualquer empresa atingir seus objetivos.” (Milkovich & Boudreau, 2000, p. 19). Em decorrência destas mudanças passou-se de um controle rígido para um mais flexível, no qual o trabalhador tornou-se polivalente e com maior poder de realização no espaço de trabalho, através da exploração de seu capital psicológico.

Com a reestruturação produtiva do modelo taylorista/fordista para o modelo de “empresa enxuta” e com a flexibilização organizacional,

os capitalistas compreenderam então que, em vez de se limitar a explorar a força de trabalho muscular dos trabalhadores, privando-os de qualquer iniciativa e mantendo-se enclausurados nas compartimentações estritas do taylorismo e do fordismo, podiam multiplicar seu lucro explorando-lhes a imaginação, os dotes organizativos, a capacidade de cooperação, todas as virtualidades da inteligência. (Antunes, 2000, p.45).

Sabe-se que o trabalho ocupa uma posição central na vida das pessoas, seja por fins de sobrevivência, pelo tempo de dedicação ou como um mero meio de realização social. O trabalho é um dos principais instrumentos pelo qual o homem se utiliza para dialogar

com o meio social. Porém, conforme Dejours (como citado em Pereira, 2010, p. 13), o trabalho nem sempre é motivo de reconhecimento e independência profissional, pois às vezes pode significar desinteresse, sofrimento e exaustão. Segundo Ricardo Antunes as mudanças ocorridas recentemente no mundo do trabalho afetam os trabalhadores não apenas materialmente, mas também subjetivamente. Nas palavras do autor: “Foram tão intensas as modificações que se pode mesmo afirmar que a classe-que-vive-do-trabalho sofreu a mais aguda crise deste século, que atingiu não só sua materialidade, mas teve profundas repercussões na sua subjetividade e (...) afetou sua forma de ser”. (2000, p.23).

A sociedade do consumo leva os indivíduos à condição de consumidores, estimulando-os a comprar cada vez mais e a entrarem no circuito capitalista. Com isso, na busca pela felicidade imediata conquistada pelo consumo, vendem sua força de trabalho pelo valor ditado no mercado. Sendo assim, o consumo se torna a compensação pelo esforço despendido no trabalho e para manter essa felicidade imediata precisam trabalhar cada vez mais, o que se torna um ciclo. Nesta perspectiva, as empresas moldam as atitudes dos trabalhadores através do envolvimento de sua subjetividade com vistas à manutenção da produtividade e competitividade no mercado global.

Para Freitas (2006, p.39), a crise vivida na sociedade ocidental, tem relação com as profundas transformações pelas quais as instituições responsáveis por fornecer os valores e as referências para a formação do indivíduo, tais como a família, a escola, a religião, o trabalho e a pátria, estão passando. Tal situação afeta a formação da identidade e a condição de saúde do trabalhador.

REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA, PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO, BURNOUT E RESILIÊNCIA

No início do capitalismo industrial, a massa de trabalhadores era constituída por adultos, homens e mulheres, e também por crianças entre 09 ou 10 anos que eram

retiradas da cama muito cedo, a partir das 02 da manhã e enfrentavam longas e exaustivas jornadas de trabalho que iam por vezes até às 22h.

Relatórios médicos, como os feitos pelo Dr. J.T. Arledge e descritos por Marx (como citado em Morgan, 2006, p. 294-295), demonstram como eram as condições de saúde de um grupo de ceramistas.

os ceramistas, classe constituída tanto de homens quanto de mulheres, representavam uma população degenerada... com o crescimento bloqueado, fora de forma e frequentemente com peitorais mal formados... prematuramente envelhecida e... de baixa expectativa de vida... (perseguida por) doenças dos rins e fígado e por reumatismo... (e) especialmente sujeita a pneumonia, tuberculose, bronquite e asma.

4

Com o passar dos anos, os trabalhadores obtiveram conquistas significativas com relação às condições de trabalho, como, por exemplo, a redução da jornada de trabalho, uma legislação contra o trabalho infantil e também contra o trabalho escravo, dentre outras. Contudo, apesar de terem ocorrido tais mudanças que, aparentemente, melhoraram as condições de trabalho, muitos problemas básicos ainda permanecem. Pesquisa feita pelo Departamento de Saúde, Educação e Bem-Estar americano, aponta que 23% a 38% das mortes causadas por câncer, podem estar relacionadas com o trabalho. Além disso, mais de 50 milhões de dias de trabalho são perdidos devido a acidentes de trabalho, acarretando em um custo de bilhões de dólares. (Morgan, 2006, p. 296).

Se antes, no modelo taylorista/fordista, era comum o aparecimento, predominantemente, de doenças de cunho físico, hoje se presencia uma série de problemas relacionados ao nível psicológico, um esgotamento intenso caracterizado por uma série de doenças mentais, como estresse, depressão e em especial a síndrome de *burnout*¹ ou síndrome do esgotamento profissional, distúrbio psíquico intimamente ligado à vida profissional.

A síndrome de *burnout* é uma doença laboral, que é desencadeada pela cronificação de um processo de estresse (Pereira, 2010, p.18) ocasionado por diversos fatores presentes no ambiente de trabalho. O médico psicanalista Herbert Freudenberger, caracteriza a

¹A síndrome de burnout, ou síndrome do esgotamento profissional, é um distúrbio psíquico descrito em 1974 por Freudenberger, um médico americano. O transtorno está registrado no Grupo V da CID-10 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde).

burnout como “comportamentos de fadiga, depressão, irritabilidade, aborrecimento, perda de motivação, sobrecarga de trabalho, rigidez e inflexibilidade” (como citado em Nascimento & Cardoso, 2010, p.9). É o processo de queimar-se por dentro.

Uma das categorias mais atingidas pela síndrome de *burnout* é a dos professores. Codo (como citado em Carvalho, 2003, p. 26), em uma pesquisa realizada com 52 mil professores da rede pública de ensino do território nacional brasileiro, apontou que 48% dos entrevistados manifestam algum sintoma da síndrome de *burnout*. Uma situação alarmante, pois de acordo com o autor pode levar à falência da educação.

São profissionais que têm sido submetidos à forte intensificação do trabalho, realizado sob vários fatores estressores como: baixos salários, falta de recursos materiais, salas superlotadas, incremento de tensões grupais e excesso de carga horária. As exigências cobradas desses profissionais e a precarização do seu trabalho, vêm causando uma exaustão, onde alguns trabalhadores sentem-se impotentes frente a essas condições e mais propensos a desenvolverem a doença, chegando a abandonar a profissão em busca de melhores condições, pois sentem que já não podem mais se dedicar àquele trabalho. Dessa forma o *burnout* é “uma metáfora para significar aquilo, ou aquele, que chegou ao seu limite e, por falta de energia, não tem mais condições de desempenho físico ou mental” (Pereira como citado em Silva; Braga; Alves, 2016, p.5).

No entanto, apesar do grande número de professores com sintomas de *burnout* ou até mesmo com a síndrome, existem profissionais que passam pelas mesmas adversidades, mas, apesar da situação, encontram novo sentido para o trabalho e persistem na profissão, buscando novas maneiras para superarem os desafios, encontrando outros caminhos para alcançar os objetivos. São os profissionais resilientes. As pessoas resilientes experimentam os mesmos medos e as mesmas angústias que qualquer pessoa quando submetida a tensão de mudança, entretanto, elas são capazes de manter seus padrões de produtividade e de qualidade, bem como sua estabilidade física e emocional enquanto buscam montar seus objetivos.

O conceito de resiliência vem sendo desenvolvido no âmbito da psicologia positiva. Segundo Luthans, Luthans e Luthans (como citado em Moreira, 2012), assim como o capital intelectual exprime o que a pessoa sabe e o capital social como a pessoa se

relaciona, o capital psicológico pode ser entendido como um estado mental que exprime o jeito de ser da pessoa. Segundo o autor, o capital psicológico se baseia em quatro capacidades psicológicas definidas como: auto eficácia, esperança, otimismo e resiliência, capacidades estas que aumentam o nível de comprometimento e perseverança no ambiente laboral. As capacidades psicológicas de otimismo e esperança se concentram no futuro, a auto eficácia no presente e no futuro e a resiliência no passado e no presente.

Nesta perspectiva, a resiliência pode ser entendida como a capacidade de responder às adversidades de maneira flexível, com capacidade de recuperação e com uma atitude positiva (Tavares como citado em Marinho et al., 2012).

Como base no exposto acima, buscou-se entender o que faz um professor se tornar resiliente? O que estimula esses professores, diante de tantas adversidades, a encontrarem recursos para transformar sofrimento em aprendizado e competência? Dessa forma, tomou-se como problema para nosso estudo compreender *“quais experiências e sentidos de trabalho que produzem resiliência entre docentes?”*.

Os objetivos desta pesquisa consistiram primeiramente em analisar a centralidade e as condições de trabalho na atividade docente. Posteriormente, se dedicou a identificar os sentidos do trabalho construído pelos docentes e os recursos psicossociais adotados na resiliência frente às suas condições do trabalho.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada nesse trabalho assemelha-se aos estudos exploratórios, ou seja, uma pesquisa que permite que o pesquisador tenha maior familiaridade com o fenômeno a ser estudado, para torná-lo mais explícito e construir hipóteses. Em geral, envolvem o levantamento bibliográfico, entrevistas “com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão”. (Selltiz et al como citado em Gil, 1991, p.45). Esse processo se deu por meio de um estudo de campo com observação não participante e entrevistas em profundidade. Para

analisar as representações sociais, além das entrevistas, utilizou-se da técnica de evocação livre de palavras e a análise de conteúdo obedeceu ao proposto por Bardin (1977).

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Todos professores entrevistados fazem parte do corpo docente do Curso de Ensino Médio Integrado de Áudio e Vídeo do Colégio Estadual Dom Pedro II. O curso foi constituído em 2008, envolve cerca de 200 alunos e 21 professores em horário integral. O projeto político pedagógico do curso se estrutura a partir de três princípios, ciência, cultura e trabalho, sendo que o trabalho é tido como o princípio organizativo do currículo. O projeto político pedagógico do curso destaca como princípios didático-pedagógicos do curso o conhecimento em rede; a convergência de diferentes linguagens, tecnologias e ações; o aprender fazendo; o movimento diacrônico envolvendo prática e reflexão crítica; a pluralidade cultural e ética; e também a dialogicidade e trabalho coletivo. Além das disciplinas regulares o curso organiza os conteúdos e competências do eixo profissional em torno de projetos de trabalho com o desenvolvimento de produtos a cada semestre. O curso não dispõe de todos os equipamentos necessários ao seu pleno funcionamento, mas a equipe de docentes se organizou na forma de um colegiado, com reuniões semanais de planejamento onde são discutidos os desafios do curso e a forma de enfrentá-los. Dessa forma, o grupo de professores se caracteriza pela formação de uma equipe auto-gerenciável, que distribui tarefas/responsabilidades entre si para o pleno desenvolvimento do projeto do curso. Os professores tem clareza sobre seus objetivos e responsabilidades. Em observação direta no campo percebeu-se uma forte integração no grupo e comprometimento com a educação pública.

A maior parte dos entrevistados corresponde ao sexo feminino, sendo **04 mulheres** e 01 homem, com **idade entre 34 e 46 anos**. Quanto ao estado civil 04 estão casadas e 01 é solteiro. Em relação a religião, grande parte segue a doutrina **católica** (03) e os demais são 01 da doutrina espírita e 01 se declara sem religião. Ambos são moradores da cidade de Petrópolis e possuem entre **10 e 20 anos de trabalho no magistério** em diferentes

áreas de formação: 01 em ciências biológicas, 02 em letras, 01 em geografia e 01 em filosofia. Todos os professores entrevistados tem pós-graduação, sendo 02 com especialização, 02 com mestrado e 01 com doutorado.

O roteiro de entrevista envolveu quatro blocos de perguntas. O primeiro constituiu-se no uso da **técnica de evocação**, onde os indivíduos eram impelidos a dizer quais palavras vinham imediatamente a mente ao ouvirem a palavra *trabalho*. Tal método teve como objetivo descobrir quais os elementos que constituem as representações sociais² e os sentidos atribuídos ao trabalho por estes docentes. Na segunda etapa do roteiro tratou-se de pesquisar as **condições nas quais se desenvolvem o trabalho docente**, como estrutura do colégio, materiais, as relações de trabalho e as atividades desenvolvidas dentro e fora da escola, bem como a rotina de trabalho desses profissionais. No terceiro bloco de perguntas, foi indagado aos professores questões referentes a **motivação e saúde no ambiente laboral**. Foram feitas perguntas para descobrir se já haviam ficado doentes por causa do trabalho, se já haviam pensado em desistir da profissão e os motivos para continuarem a lecionar em escola pública. O último bloco de questões tratou da **identidade docente**, como se deu o processo de formação da sua identidade como professor.

A análise dos resultados foi feita por meio da categorização, buscando-se identificar os termos prevalentes (frequência de aparição), sua ordem de importância (hierarquia) e sua agregação conforme critérios semânticos.

Durante as entrevistas realizadas, os professores deixaram explícito que as condições materiais para o desenvolvimento de seu trabalho na escola pública nem sempre atendem às necessidades do curso e isso pode, de certa forma, dificultar o processo de ensino por parte do professor e atrapalhar o aprendizado do aluno.

[...] são poucos equipamentos e toda vez que você tem que usar é uma guerra [...] um colégio de dois mil alunos com três datashows, com caneta de quadro controlada, enfim, com pouco orçamento pra você fazer uma visita de campo, pra fazer uma atividade cultural externa [...] um estúdio em que

2 O conceito de representação social foi introduzido por Moscovici em 1961 com o trabalho “A psicanálise: sua imagem e seu público”. Pode ser entendida como fenômenos da vida cotidiana que servem tanto para os indivíduos compreenderem quanto para se comunicarem.

Para Jodelet representações sociais são “uma modalidade de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático e contribuindo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. (1989, 43).

ficavam, sei lá, 50, 60 meninos, sem ar condicionado [...] isso quase que inviabiliza uma boa aula. (P2)

Também ficou evidente como o cotidiano da vida de um professor é bem complexo. Para os entrevistados, normalmente, começa às 06h da manhã quando se levanta e organiza a sua vida pessoal, em família, separa os materiais de trabalho que tem que carregar, leva os filhos para a escola e depois vai dar aula. Chegando à escola têm que organizar a sala, dispor os materiais de trabalho, organizar a turma e então começar a aula. A maioria dos entrevistados leciona nos três turnos e leva assuntos do trabalho para casa, como correção de provas e trabalhos, planejamento, preparação de materiais, agendamento de atividades, etc. E ainda têm que encontrar tempo para se qualificar.

[...] Pensando num dia de 24 horas, eu posso dizer que praticamente, sei lá, 15 horas do meu dia são dedicadas ao meu trabalho, a tudo que me envolve, não só dentro da escola, mas também fora da escola. Isso de segunda a sexta. (P3);

[...] sobrecarga do trabalho do professor que hoje, além de dar aula, de planejar suas aulas e buscar coisas interessantes, novas, e procurar estar dentro dos assuntos que estão em voga, e usar as tecnologias, inclusive de forma a ajuda-los a gerir essa quantidade de informação disponível no mundo, há uma série de procedimentos burocráticos que nós somos submetidos, lançamentos de notas em três, quatro lugares diferentes, preenchimento de mil formulários e pautas, e planos, e planejamentos... (P1).

É possível perceber que além do aumento no ritmo e a ampliação do tempo de trabalho, a sobrecarga de tarefas é desgastante para os professores. Segundo Antunes (2000, p. 33), apesar de o avanço tecnológico apresentar a possibilidade de redução do tempo de trabalho, presencia-se uma política de prolongamento da jornada de trabalho. No caso dos professores, o prolongamento se dá pelo acúmulo de funções.

Apesar das condições de trabalho e das adversidades vivenciadas no cotidiano escolar, quando perguntados sobre as condições de saúde relacionadas ao trabalho apenas duas professoras relatam quadro de estresse acompanhado de pressão alta. Uma passou uma crise alérgica devido às salas abafadas e empoeiradas e os outros dois não relatam problemas de saúde provocados pelo trabalho. Embora pese as questões materiais, os professores trazem as relações humanas como um aspecto muito positivo e motivador no ambiente de trabalho. Foi comum encontrar nas falas que esse grupo se mantém unido pela interação que desenvolve entre si e também com os alunos. O

comportamento dos alunos e a vontade em aprender superam as barreiras negativas das condições materiais.

Dentro de um colégio você conhece as pessoas que administram as que zelam da parte física, os alunos e os colegas de trabalho. Com cada um deles eu posso descobrir uma infinidade de possibilidades, que poderão ser boas ou ruins para mim. Eu posso influenciar em cada um desses universos. Sempre há aprendizado. (P1);

[...] meu relacionamento com colegas de trabalho, eu considero um bom relacionamento, porque na verdade esse grupo do áudio e vídeo é um grupo muito interessante, muito diverso, muito questionador, muito produtivo, e é um grupo que dá gosto de fazer parte, porque você aprende muito, você troca muito... (P2);

Em relação aos alunos, eu tenho um bom relacionamento, um relacionamento alegre, tranquilo, parceiro, carinhoso, principalmente na escola pública eu reconheço muito carinho por parte dos alunos... (P5).

10

Quanto aos sentidos atribuídos ao trabalho foram encontradas quatro categorias: Escola, Missão, Realização e Sustento.

Quadro 2: CATEGORIAS ATRIBUÍDAS AO TRABALHO

ESCOLA	MISSÃO	REALIZAÇÃO	SUSTENTO
Escola Alunos Pessoas Interação com pessoas Amigos Aprender Junto Troca de ideias Troca de conhecimentos Biologia Aula Provas	Missão Fazer um mundo diferente Contribuição com o mundo Atuação social Participação Modo de atuar na sociedade Dedicação Doação Entrega Transformar a vida Formar pessoas	Realização Organização da vida Se sentir produtivo Produtividade	Sustento Remuneração Meio de ganhar a vida Suor

Fonte: elaboração própria

Percebeu-se que o sentido do trabalho como interação com os elementos e atores do ambiente escolar prevaleceu em relação aos demais grupos elencados, seguidos pela missão, realização e sustento.

[...] ser professora pra mim é estar num constante movimento de mediação. Mediação do aluno com o mundo, como os conhecimentos estabelecidos, com a reflexão, com.. acho que até com / pela minha experiência, com o mundo emocional dele. (P2)

Significa aprender diariamente com o outro. Me sinto muito mais como mediadora de conhecimentos, daquilo que acontece ao nosso redor, do que alguém que está ali pra passar matérias e dar notas. (P3)

Essa visão do trabalho docente como prática social, presente no discurso dos professores entrevistados, corrobora com a força demonstrada pela equipe na busca de melhores políticas educacionais. As respostas dos professores encontram apoio na visão de Maldaner (como citado em Bolfer, 2008, p.61) ao defender que o trabalho docente precisa ser produzido na interação entre os sujeitos, onde ocorre a produção de saberes e conhecimentos. Ou seja, o trabalho docente se constitui nas práticas sociais onde o professor se coloca como um mediador, tendo por objetivo a formação humana através do conhecimento. Essa troca de saberes faz com professor também aprenda sempre algo novo e sua carreira seja construída neste processo de socialização.

A percepção do professor como um missionário, aquele que deve contribuir para com a sociedade através do seu trabalho de doação, também está presente nas falas dos professores entrevistados.

Ser é professor é uma profissão de entrega. (P1)

Ser professor é um exercício de entrega [...] movimento de entrega pro outro. (P2)

Apesar de historicamente a responsabilidade pela educação tenha se deslocado da igreja para o Estado, e o trabalho docente passado de “mestre de ofício de ensinar, para o de trabalhador do ensino empregado pelo Estado” (Hypolito como citado em Lima et al, 2010, p.5), ainda hoje professores veem sua profissão relacionada a uma vocação e missão. O sentido de missão que a profissão docente herdou dos jesuítas desde o período da colonização, como aquele que professa a fé e se doa sacerdotalmente aos alunos. (Krentz como citado em Carlotto, 2002, p. 22).

No entanto, a profissão docente passou por muitas transformações desde o fim do século XIX, como a saída dos homens do magistério em busca de oportunidades mais rentáveis e o surgimento das mulheres assumindo a atividade docente e a entrada de

outras camadas na profissão. Pode-se observar, a partir da década de 60, uma proletarização do magistério tornando-a uma profissão atraente e viável para as classes menos favorecidas (Rêses, 2012, p. 424). Durante a entrevista, ao serem perguntados, sobre os motivos que os levaram para a docência, alguns também se reportaram ao magistério com a profissão a eu tinham acesso no momento.

[...] o magistério foi, primeiro, uma carreira acessível pra mim, enquanto filha de classe média baixa e com poucas oportunidades de fazer universidade fora da cidade, porque eu era muito nova, e dentro daquilo que se apresentava pra mim, foi o que eu achei mais viável. (P.2)

12

De certa forma ainda que impregnado em nossa cultura a forte influência advinda dos jesuítas de que o trabalho docente é uma doação e por isso não poderia receber compensações materiais, retirando do docente o caráter profissional _ basta observar a maneira pela qual se fala: “o professor dá aula” _ a nova configuração da profissão, trás a tona as necessidades básicas de todo trabalhador e ressignifica o trabalho docente não apenas como sacerdócio para como forma de organizar a vida e garantir **sustento**.

Organização da vida, pois é um meio de cumprir sua missão, objetivo e também provém o sustento. (P2)

Remuneração. (P4)

Suor. Meio de ganhar a vida. (P3)

Essa nova condição docente pode ser o que explica que, nas respostas dos entrevistados, o sentido da **missão** a que se referem os professores não é exatamente aquele dos missionários de outrora. Os professores entrevistados querem fazer a diferença na escola pública, querem contribuir para a sociedade, querem mesmo mudar o mundo através da educação.

[...] eu entendo que trabalhar na escola pública é uma contribuição social importante [...] ser professor é colaborar na construção dessa sociedade mais digna de nós, mais justa, mais bonita. (P5).

Porque acredito que é na escola pública que a gente pode provocar, mesmo que devagar, uma mudança no paradigma social [...] acho que continuo professora na escola pública porque ainda acredito que podemos ter uma sociedade mais justa e igualitária. Sem utopias, mas vimos que há avanços possíveis sim pra minimizar a desigualdade e abrir oportunidades pra aqueles menos favorecidos que estão justamente na escola pública. (P3);

Porque acredito em mudanças e é a partir da escola pública que essa mudança virá. Sigo sendo professor porque acredito nas pequenas grandes mudanças. (P4);

[...] a minha escolha de ser professora foi a possibilidade mesmo de fazer um mundo diferente através do meu trabalho. (P.2);

[...] existe dentro de mim o sonho de mudar o mundo e acho que é na escola pública que isso pode se realizar. (P1);

E esse movimento gera nesses professores um sentimento de **realização**, de se sentir produtivo atuando na escola e buscando a transformação da sociedade através da transformação dos alunos.

Minha profissão, minha realização. (P4);

Acredito que fazer alguma coisa sem se colocar por inteiro, buscando melhorar todos os aspectos do ambiente de trabalho, faz com que o trabalho seja apenas renda. Eu preciso me realizar naquilo que faço. (P4);

[...] maior satisfação que se tem, de ver o progresso do teu aluno lá na frente, não só como profissional da área, seja qual for que ele vá escolher, mas como cidadão, como pessoa. (P2);

O processo pode ser entendido de forma sistemática, onde no ambiente escolar acontecem as interações e a construção do conhecimento. Ali eles têm a possibilidade de desempenharem sua missão de educar. Mas como o trabalho para esses professores também tem o sentido de sustento, não apenas um ato de doação, pois esses professores tem origem em camadas menos favorecidas, não basta educar... Eles querem transformar a vida das pessoas e com isso contribuir para com a sociedade. Dessa forma, se sentem realizados.

A partir desses elementos destacados pelos entrevistados é possível perceber a construção de uma realidade comum a esse conjunto social. A junção desses sentimentos compartilhados pelo grupo ajuda a mantê-los coesos e a sofrerem menos com adversidades da docência na escola pública.

estar nesse curso é pra mim também um marco profissional, eu já tava com pouco tempo de Estado muito desanimada, muito [...] e o curso me deu novo folego (P2);

[...] participar do ensino médio integrado, em produção de audiovisual, que foi uma reinvenção do formato escolar. (P5).

Um acontecimento que ressignificou minha prática foi o convite pra integrar a equipe que criou e mantém o Ensino Médio Integrado em Produção de Áudio e Vídeo (EMI AV) [...] gestão participativa do curso, a organização da Mostra de Audiovisual, que hoje extrapola a escola e que tem a participação efetiva dos alunos, enfim, são acontecimentos que me fizeram entender a educação como algo em constante transformação e aprimoramento, assim como ocorre com os seres humanos que dela participam. (P3);

A entrada no EMI foi a maior mudança e o que me dá força para continuar acreditando na educação. (P1);

[...] nenhum projeto vai adiante se não tem professores engajados e comprometidos com aquilo que acreditam e fazem. Porque é isso que dá força pra enfrentar as dificuldades da profissão. (P3).

Portanto, as experiências e sentidos do trabalho do trabalho docente que produzem resiliência entre os professores são as relações interpessoais que se desenvolvem no ambiente, as crenças e valores que trazem por uma sociedade melhor que, de acordo com os entrevistados, só pode vir através da educação. É através dessa interação do sujeito com seu contexto que as potencialidades individuais da resiliência como positividade, foco, flexibilidade e pró-ação são desencadeadas. A união do grupo contribui para que os professores desenvolvam uma visão pautada pela coragem frente às adversidades e a alocar diversos recursos pessoais no alcance de seus objetivos.

14

Me sinto feliz e confortável naquilo que faço, embora tenha de transpor barreiras diariamente. (P3);

Me sinto bem. Porque de uma certa forma consigo construir algo de positivo e ao mesmo tempo me sinto produtivo. (P4);

Me sinto incrível na minha profissão (...)fazendo o que deve fazer e ao mesmo tempo estar no que tá fazendo. (P5).

Outra característica importante da resiliência é que esta não se dá na ausência das adversidades, mas é na presença desses que ocorre o enfrentamento e com isso o crescimento psicológico do indivíduo. O professor resiliente passa pelas mesmas agruras que os demais, no entanto, o que o diferencia é a capacidade de flexibilidade, de ser maleável e se moldar de acordo com as situações impostas.

[...] há aqueles momentos em que nós estamos mais motivados, acreditando mais na nossa capacidade e no quanto produtivo a gente pode ser. (P2);

[...] o que eu faço procuro fazer da melhor forma que eu puder [...] eu estou sempre me questionando e sempre buscando mudanças (P2);

Educação é persistir na esperança. (P4)

Conclusões

Embora a sociedade contemporânea esteja sofrendo com um esgarçamento provocado pelas múltiplas crises identitárias, é possível inferir que a união desse grupo se mostra como uma estratégia de enfrentamento diante das adversidades encontradas nas condições de trabalho negativas, como a estrutura material e burocrática da escola e, também, como força propulsora que os alimenta na missão de continuar na escola pública.

Para se manterem firmes no propósito de ensinar e não se deixarem sucumbir as adversidades das condições de trabalho presentes na atividade docente, os professores encontram apoio no grupo e na autoconfiança em si próprio, conhecem suas potencialidades. Procuram ver os momentos difíceis como barreiras a serem transpassadas e que todo processo de dificuldade pode ser, de certa forma, gerenciado, a partir do momento que tomam as experiências passadas como estratégias para vencer os desafios futuros. Eles possuem flexibilidade e se mantêm resilientes como forma de atingir seus objetivos. Tudo embalado por um sentimento, um desenho, um sonho compartilhado: a educação como ferramenta para a transformação.

15

REFERENCIAS

ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 3.ed. São Paulo: Boitempo, 2000. 261p.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BOLFER, Maura Maria Morais de Oliveira. **Sobre formação continuada de professores universitários**. Tese de doutorado em educação. Piracicaba, São Paulo. 2008. Disponível em:

<https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/LWFMJKHNBBS.pdf>. Acesso em 04/06/2016 às 20h26.

CARVALHO, Fatima Araújo de. **Burnout e resiliência: novos olhares sobre o mal-estar docente**. Revista UniVap, v.10, n.18, 2003. Disponível em: http://www.univap.br/univap/pro_reitorias/int_uni_soc/revista/RevistaUnivap18.pdf#page=26. Acesso em 01/05/2016 às 23h11.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução À teoria geral da administração: uma visão abrangente da moderna administração das organizações**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

FREITAS, Maria Ester de Freitas. **Cultura organizacional. Identidade, sedução ou carisma?**. São Paulo, SP. Fundação FGV. 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo. Atlas, 2002.

JODELET, D. Répresentations sociales: um domaine em expansion. In: JODELET, D. **Les representations sociales**. Paris: PUF, 1989.

MARINHO, Hermínia Regina Bugeste; JÚNIOR, Moacir Avila de Matos; FILHO, Nei Alberto Salles; FINCK, Silvia Christina Madrid. **Pedagogia do movimento: universo lúdico e psicomotricidade** [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaberes, 2012. Disponível em: <http://fmpfase.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788582125878/pages/4>. Acesso em 08/05/2016 às 18h12.

MOREIRA, Catarina Andreia dos Santos. **Quão perto é perto o suficiente: a influência do capital psicológico positivo, do envolvimento no trabalho e da segurança psicológica no desempenho**. Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de: mestre em psicologia social e das organizações. Especialidade em psicologia das organizações. Instituto universitário ciências psicológicas, sociais e da vida – ISPA. Lisboa, Portugal, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2317/1/15396.pdf>. Acesso em: 22/05/2016 às 19h37.

MORGAN, Gareth. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

NASCIMENTO, Dulce Zara Gentil do; CARDOSO, Jorge Manoel Mendes. **Desafios contemporâneos na gestão de pessoas nas organizações: atenção a indicadores de Síndrome de Burnout**. Trabalho apresentado na I Jornada Internacional de Práticas Clínicas em Campo Social. Universidade estadual de Maringá, novembro de 2010. Disponível em: http://www.ppi.uem.br/camposocial/eventos/i_jornada/050.pdf. Acesso em 31/05/2016 às 15h21.

PEREIRA, Ana Maria T. Benevides, (org.). 4. ed. **Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador**. São Paulo: Casa do psicólogo. 2010. Disponível em: <http://fmpfase.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788562553448/pages/4>. Acesso em 01/05/2016 às 22h54.

SILVA, Fernanda Coelho da; BRAGA, Pamilla Servare; ALVES, Luciano de Oliveira. **A síndrome de burnout e a qualidade de vida no setor bancário**. Disponível em <http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos12/35916330.pdf>. Acesso em 26/06/2016. 16h26.